MÍDIA CLIPPING
PAPEL PATRÍLA

QUARTA NOITE DE GRAMADO

Postado em Cinema, Filmes, Festivais | Comentários: 0 | 11 Agosto 2021

Por Maria do Rosário Caetano

O Festival de Gramado chega à quarta noite de exibições e a partir dela vai conviver com a chegada do Festival de Cannes, que se inicia na próxima terça-feira, 17 de agosto. Nesta quarta-feira, 11 de agosto, o público gaúcho e brasileiro se deliciou com duas comédias cinematográficas e um documentário.

Uma delas, a longa-metragem "Meu Pai Cantor", dirigido por Daniel Bertolino no formato documentário, dialoga com a mais recente produção do cineasta Jorge Furtado, "Ainda Não Sei Como Me Chamo", que também é documentário.

Bertolino e Furtado são os diretores de mais de cem filmes, que participaram ambos (inclusive o premiado curta-metragem "Ilha das Flores") de inúmeros festivais nacionais e internacionais, e de muitas mostras e projeções de curtas-metragens.

O quarto período do ciclo vida do filme, "Pincelar", do Sesc Pelotas e Luiz Rosario, ou finalmente o que pretende o artista, Luiz Rosario, que também é o protagonista do filme, foi o que mais atraiu o público.

Em quarto lhano notadamente a mais bem sucedida sensibilidade "A Balsa de Rose", Primeiro ato: Tangaú, cidade de Rose Ribeiro (Cristina Ferreira) e Ricardo (Ricardo Pandolfo) que se preparam para o casamento. Segundo ato: Tangaú, cidade de Rose Ribeiro (Cristina Ferreira) e Ricardo (Ricardo Pandolfo) que se preparam para o casamento. Terceiro ato: Tangaú, cidade de Rose Ribeiro (Cristina Ferreira) e Ricardo (Ricardo Pandolfo) que se preparam para o casamento.

A trama trapaceira carrega quarenta e poucos filmes, dentro de sinteticos sabiamente bem pensados. Ainda que tecnicamente sofrível, não chega, sendo, não, um exemplo de sensibilidade. Ainda que tecnicamente sofrível, não chega, sendo, não, um exemplo de sensibilidade. Ainda que tecnicamente sofrível, não chega, sendo, não, um exemplo de sensibilidade.

Tudo isso mesmo, tudo isso mesmo, tudo isso mesmo,

"Marróia": uma ficção alencarina

CADERNO 3

Por Redação, 01:01 / 11 de Setembro de 2008

Uma comédia. Feita com a seriedade devida e os recursos permitidos. O vídeo "Marróia", desenvolvido por alunos de uma escola de Tianguá, representa o Estado em festival no Rio

Uma feira. Um vendedor de café e bolo entra numa perseguição danada, ao ver seu namoro descoberto pelos irmãos da sua musa. Familiar? Claro que sim. Qualquer novela fala sobre isso desde Shakespeare. Mas a trama simples ainda interessa a jovens criadores que, na frente ou atrás das câmeras, se dispõem a revelar suas próprias abordagens. É o caso do pessoal da escola Tancredo Nunes de Menezes, adolescentes de um projeto pedagógico em Tianguá, na Serra da Ibiapaba.

Perseguição, taí uma imagem que representa bem esse projeto selecionado para o Cine Cufa, dia 14, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro. O Festival Internacional de Cinema e Vídeo este ano abre para produções com mídias móveis — como celulares e as câmeras domésticas de "Marróia". Uma ficção conduzida pelo professor Natal Portela entre a sede e as comunidades de Lajes e Tianguazinho.

O vídeo resulta do exercício final do Projeto de Iniciação à Produção Audiovisual "A Palavra em Movimento", desenvolvido pela Associação de Amigos da Arte Garatuja em parceria com a Prefeitura, através da escola de ensino médio. "Era também um projeto sóciocultural, atendendo alunos da escola pública e de periferias da cidade, uma periferia com problemas comuns a qualquer lugar. Todos os atores são da comunidade, a maioria filhos de agricultores, desempregados, donas de casa", conta Natal.

Trama simples

O vídeo digital, caseiro, com 28 minutos, envolveu moradores que acompanharam as carreiras que o ingênuo Zé do Bolo teve que dar depois que suas cartas de amor foram soletradas pelo ladrão, que trata de dedurar o namoro à família da moça. Arte educador, Natal Portela também mexe com samba e música eletrônica. Mas a trilha que anima a trama popular traz Mundo Livre S/A, Aldo Sena e The Originals.

"A idéia partiu dos meninos mesmo. É um processo coletivo dos alunos, alguns professores e amigos", diz o diretor, cuja experiência anterior era apenas a de um curso de curtas-metragens, no Cetec de Sobral. "Aprendi a fazer fazendo, como todo mundo". Deu certo, a população de Tianguá, pelo menos, aprovou. "Começaram a copiar, a gente nem tinha plano de comercializar. Os camelôs vendem a cinco contos", diz Natal, ressaltando que o grande segredo desta popularidade é o fato de o vídeo ser feito com gente da cidade, na feira e em ruas conhecidas. "Isso é uma alternativa para o audiovisual, mesmo com as dificuldades".

Limites

Natal se refere inclusive à "ditadura do curta" que estabelece limites para a metragem, que qualificam os 28 minutos de média, prejudicando a difusão, após uma batalha para aprontar tudo, do jeito que dava. "Usamos um microfone e uma câmera só, domésticos", enfatiza. Mesmo assim, Natal e os demais cineastas de Tianguá aguardam alguns roteiros pré-habilitados em editais da Secretaria de Audiovisual do Minc. Um deles, "Francisca Carla - narrativas de devoção", segundo Natal, um doc-ficção sobre a religiosidade popular, na década de 50, quando uma portadora de hanseníase foi isolada pela comunidade e virou santa popular. Eles também planejam transformar a Associação Garatuja em um Ponto de Cultura.

"Pretendo mostrar aqui depois. Não foi pro Cine Ceará porque ele não abre pra resoluções baixas", lamenta Natal. Por enquanto, tem o Cine Cufa, onde devem se apresentar no próximo domingo, dia 14. "Seria importante que as pessoas votassem na gente pelo site www.cinecufa.com.br, pois haverá uma premiação", convoca. A perseguição continua.

A grande feira do cinema

Até hoje, a melhor expressão da linguagem cearense em vídeo, uma oralidade conhecida como cearensês, talvez seja o impagável "Cine Holiúdy- O Astista contra o Caba do Mal", ficção de Halder Gomes, com uma estrutura de produção cinematográfica. A trama gira em torno do hábito de assistir a filmes de artes marciais nos pequenos cinemas da periferia da cidade, na época da ditadura militar.

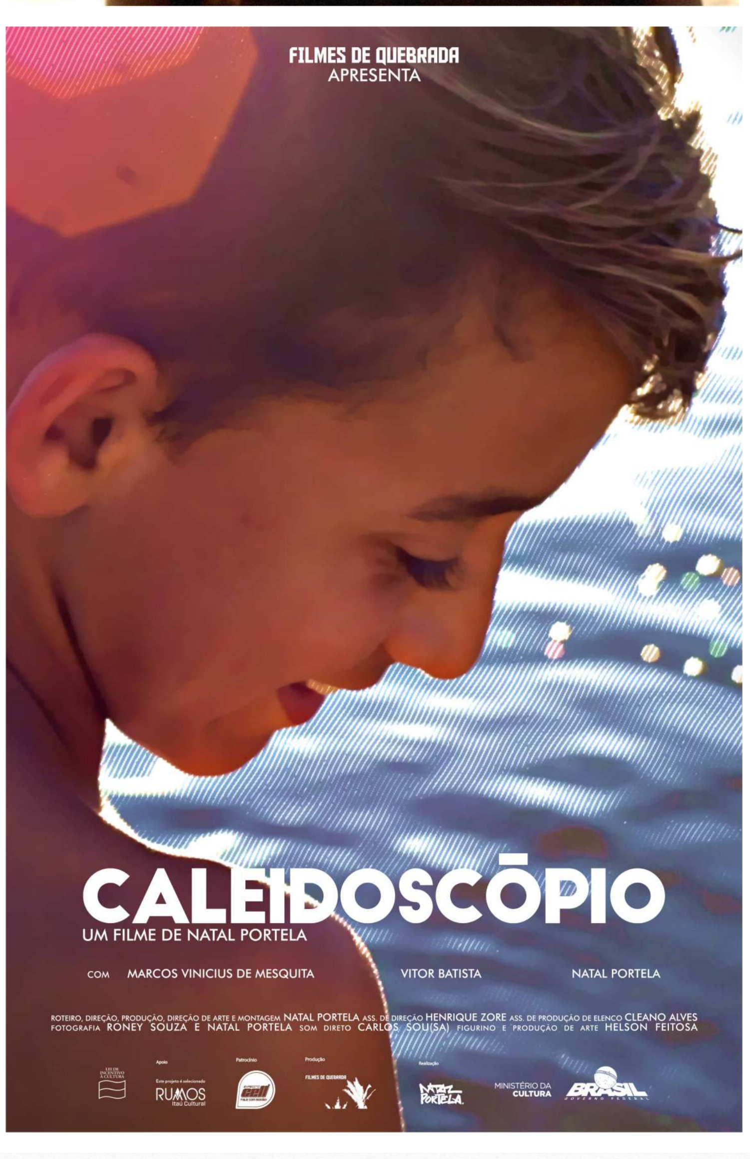
De 2004 e disponível em DVD, o filme abocanhou vários prêmios pelo País e até no exterior, acompanhando a sina internacional de seu realizador, cujo trabalho mais recente está chegando ao mercado de DVD por uma grande distribuidora internacional sob o título de "Cadáveres 2". Há cerca de uma década, mais exatamente em 1994, tivemos também o exemplo de um documentário, de oito minutos, de Glauber Filho e Tibico Brasil, exibido na Vídeo Mostra Fortaleza, embrião do Cine Ceará: "Borracha para Panela de Pressão", sobre os camelôs de Fortaleza. E ainda as realizações da produtora Nosso Chão, dos irmãos Ivo e Eliseu de Souza, que marcaram aqueles anos 90 com importantes produções documentais e ficcionais de ambientação local.

Não propriamente por ser uma produção, em vídeo, bastante modesta, mas pela proximidade com o tema abordado, o filme do pessoal da Associação Garatuja, de Tianguá, acabou ficando com a cara de uma cidade do interior cearense. Pelo menos, aquelas que não se curvam diante da sede de mascarar sua própria realidade, em nome de um progresso mais fantasioso do que legítimo. Assim, o próprio uso da expressão-título, "Marróia", reflete bem o apelo popular do projeto, referindo-se a uma interjeição em bom cearensês, utilizada em algumas situações de supresas dos personagens.

A movimentação na feira e a dinâmica do protagonista, que desembesta de bicicleta da sua comunidade até a sede, acabam sendo valorizadas pelo diretor Natal Portela. Claro, sem steady-cam, o que faz com que a câmera pule, balance. Há outras deficiências, como o elenco e o áudio. Mas a determinação da moçada por si só merece um prêmio, com o perdão do lugar-comum. Não é todo dia que uma cidade, um Estado, se representa na tela, fugindo aos modelos hegemônicos, pasteurizador de realidades.

"Marróia", não é que a batida saga de Zé do Bolo tem algo tão arraigado à nossa cultura que já deveria ter virado um filme, com a nossa cara, há mais tempo? Que venham outras feiras do interior, atualizando o pré-cinemanovista baiano Roberto Pires e seu "A Grande Feira", enquanto as feiras e o próprio desejo de fazer cinema não sucumbem aos super-mercados das imagens.

HENRIQUE NUNES
Repórter



CINECLUBE
DIKEBRADA
CINEMA NA RUA E NO TERREIRO
DIA:
HORÁRIO:
LOCAL:
ENTRADA GRATUITA ★ TRAGA A FAMÍLIA E VIVA ESSA EMOÇÃO!
REALIZAÇÃO
APOIO CULTURAL
"ESTE PROJETO É APOIADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA LEI Nº 13.811, DE 16 DE AGOSTO DE 2006"
ceará cultura SECULT
GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura
01 DEZ/DOM/19:30H
★ BOM JESUS 1 ★
ENTRADA GRATUITA
PRÉ-ESTREIA
A FAMÍLIA MARROM
UM FILME DE NATAL PORTELA
EM HOMENAGEM A MEMÓRIA DE JOELMA SILVA SOUZA
20 DEZ/SEX/20:00H
★ FLABAR - PÓLO ★
25/JAN/SEXTA/20H ★ TIANGUAZINHO ★ ARCA DE NOÉ ★ ENTRADA GRATUITA
12 ABRIL/SEXTA/19:30H ★ VAL PARAÍSO ★ ENTRADA GRATUITA